

António M. FERRO
(Universidade *Ovidius* de
Constanța/ Camões, I.P. –
Portugal)

Lucian Blaga nas Cortes da Saudade – um momento do encontro luso-romeno no curso do tempo

Abstract: (Lucian Blaga in *At the Courtyard of Yearning – a moment in the luso-romanian encounter along the years*). Luso-Romanian ties stretch back to the 15th century. Based on the records of the Portuguese prince, D. Pedro de Coimbra, we know he fought south of the Carpathian mountains against the Turks. A century later the “broad-chested Thracians” would be celebrated in Camões’ *Os Lusíadas* as being the “defenders of Europe”. Much later on, great luminaries of Romanian culture travelled to Portugal or resided there for some time, as was the case with Nicolae Iorga, Lucian Blaga and Mircea Eliade; all writing extensively about their experiences there. We recall here the contributions of Blaga and Eliade to the development of “România”.

Keywords: Blaga, Eliade, Portugal, Romania, România

Resumo: As relações luso-romenas são muito antigas. Remontam ao século XV, quando um príncipe português, D. Pedro de Coimbra, terá, conforme o registo das suas viagens, combatido a sul dos Cárpatos contra os turcos. Os “Traces de robusto peito” são, no século seguinte, celebrados por Camões, em “Os Lusíadas” como defensores da Europa. Posteriormente, nomes grandes da cultura romena deslocaram-se a Portugal ou aí residiram algum tempo - é o caso de Nicolae Iorga, Lucian Blaga e Mircea Eliade que escreveram sobre Portugal. Invocam-se aqui os contributos de Blaga e de Eliade para a construção da “România”.

Palavras-chave: Blaga, Eliade, Portugal, Roménia, România

As relações luso-romenas são muito antigas. Remontam ao século XV, quando o príncipe português, D. Pedro de Coimbra, terá, conforme o registo das suas viagens, combatido a sul dos Cárpatos contra os Turcos. Os “Traces de robusto peito” são, no século seguinte, celebrados por Camões, em *Os Lusíadas*, como defensores da Europa. No século XVIII há mesmo um encontro romântico em Viena, entre o Cavaleiro de Oliveira e a Princesa da Valáquia, como podemos ler nas *Cartas* daquele. Posteriormente, nomes grandes da cultura romena deslocaram-se a Portugal ou aí residiram algum tempo - é o caso de Nicolae Iorga, Lucian Blaga e Mircea Eliade que escreveram sobre Portugal. O professor Victor Buescu deu a conhecer aos portugueses, no século XX, a literatura e a cultura romenas através dos seus escritos e da sua actividade de tradutor. Na Roménia inúmeros autores portugueses e obras marcantes foram traduzidos permitindo ao leitor romeno o acesso ao universo cultural luso.

Os encontros luso-romenos ao longo do tempo foram assim múltiplos, diversos e protagonizados por personalidades importantes de uma e outra cultura. Invoca-se aqui a presença de Portugal na poesia de Lucian Blaga, na qual os críticos e os estudiosos identificam um *Ciclo Português*: a paisagem lusitana, os seus lugares, o mar, a luz e a proximidade de duas expressões marcantes da espiritualidade das duas culturas: a *saudade* portuguesa e a *dor* romena.

Lucian Blaga (1895-1961), poeta maior da Roménia e filósofo original do seu espaço cultural, figura singular no panorama intelectual romeno - embora tenha residido em Portugal apenas cerca de um ano, entre 1938 e 1939, na situação de diplomata - terá captado

com subtileza, no conjunto daquilo que se designa por *Ciclo português* da sua poesia, algo da alma lusa na sua relação estreita com o espaço físico e humano em que a sua espiritualidade se constrói. Ao mesmo tempo realiza, poeticamente, uma aproximação lírica das duas sensibilidades, tendo por placa giratória um eu poético cuja identidade com o poeta Blaga é indissociável. Esta fusão conseguida entre os dois espaços culturais, através do poema, constitui um documento original e um marco na multiplicidade e diversidade dos encontros luso-romenos no curso do tempo.

Mihai Zamfir sintetiza assim a ligação estreita que Portugal tem com parte da obra poética do autor de *A Milagrosa Semente*:

Pouco tempo antes do começo da segunda guerra mundial, Lucian Blaga era embaixador da Roménia em Lisboa; o ilustre poeta e filósofo não se limitou na sua estadia em Portugal às obrigações administrativas e realizou uma frutuosa embaixada cultural romena. Imortalizada sob a forma da metáfora, que dá título ao volume blagiano de versos talvez mais conseguido, *Nas Cortes da Saudade*, a terra portuguesa inspira a Blaga poesias que são obras-primas. Era a primeira vez que não apenas a paisagem, mas também a espiritualidade portuguesa, tão específica, faziam a sua aparição nas letras romenas. Zamfir (1973:3)

Podemos falar num *Ciclo português*, *lusitano* ou *ibérico* em Lucian Blaga, porque todos estes sintagmas grafados em itálico são expressamente referidos, ainda que isoladamente, nalguns dos versos dalguns dos seus poemas, embora não exista a expressão *Ciclo português*, e esta não tenha sido usada por Blaga. Desse *Ciclo* fazem parte poemas inclusos *Nas Cortes da Saudade*, obra publicada em 1938, provavelmente escrita em parte em Portugal, e outros muito tardios que atestam a persistência de recordações – por certo profundas e marcantes – da estadia em Portugal como representante diplomático da Roménia.

Blaga desempenhou as funções de embaixador da Roménia em Portugal entre Março de 1938 e Abril de 1939. Os poemas do *Ciclo* terão sido escritos na segunda metade desse ano, pois o livro *Nas Cortes da Saudade*, onde se reúnem 25 poesias, é datado precisamente do ano da chegada do poeta a Portugal. Parte desses poemas inspiram-se na realidade portuguesa, e neles se exprimem emoções, vivências, estados de alma, em conexão estreita com lugares, paisagens e usos lusitanos, facilmente reconhecíveis e até, por vezes, expressamente enunciados, por exemplo, nos títulos.

Dos poemas do *Ciclo português* fazem parte - escreve George Gana no seu prefácio à edição bilingue romeno-portuguesa da *Milagrosa Semente*:

(...) as últimas 6 poesias (das 25 das *Cortes da Saudade*): *Estoril*, *Saudade*, *Brisa atlântica*, *O vendedor de grilos*, *O unicórnio e o oceano*, *A costa do Sol*. Podem acrescentar-se pelo menos duas poesias da mesma colectânea, escritas durante a estadia do poeta em Portugal: *Destino* e *Nas cortes da saudade* – essa última emprestando o seu título ao volume. (...) impressões de Portugal e de Espanha são também a substância doutros poemas, ulteriores, de Blaga, entre os quais cabe recordar *Arrábida*, *Don Quixote*, *Sol ibérico*, *O burrinho* (uma das derradeiras poesias de Blaga, escrita em 1960). Gana (1981:33)

É razoável perguntar que encontrou Blaga em Portugal que suscitou a empatia colhida na leitura dos seus *poemas portugueses* – e por estes entendemos os que pelos títulos remetem imediatamente para lugares portugueses (*Estoril*, *Costa do sol*, *Arrábida*); outros em que os lugares aparecem referidos no corpo do poema (*Sol ibérico*); outros que registam usos e costumes (*Burrinho*, *O vendedor de grilos*); outros ainda, finalmente, que assinalam elementos característicos da paisagem lusitana, ainda que não lhe sejam exclusivos, como os moinhos de vento, as palmeiras ou a nora.

É possível que o diplomata-poeta de *Nas Cortes da Saudade* partilhasse – se a tivesse podido conhecer - a imagem mítica sobre um Portugal visto de Bucareste, no curso do tempo, que explicaria, segundo Mihai Zamfir, o interesse romeno pelo “país latino mais distante” (Iorga), e que descreve assim:

Do outro dado do território que foi chamado Romania, ou seja da fronteira oposta do Império Romano, da Roménia, Portugal é visto de uma forma estranha: existe para os romenos um Portugal quase imaginário, mas infinitamente mais presente nas suas consciências do que o Portugal real. Por causa da distância geográfica mas sobretudo por causa da lenda cultural que o envolve, Portugal surge preferencialmente para nós com a imagem de um território mirífico, de um país de sonho. (...) No nosso país a imagem de Portugal permaneceu até hoje num estádio quase mitológico. (...) O que é Portugal? Uma espécie de Roménia vivida em condições históricas e geográficas mais favoráveis. Estas são informações básicas que modela, para os romenos, o resto das informações recebidas – sejam elas reais ou meio imaginárias. E, no fundo, não será esta a verdade? Relativamente a Portugal os romenos só retiveram o essencial. » Zamfir (1998)

A empatia e uma certa sintonia que se recolhem na leitura dos poemas *portugueses* de Blaga – não isentas, no entanto, da afirmação constante da diferença, da distância e do paralelismo cultural, claramente expressos ou apenas latentes - resultariam, no nosso entender, de ter o poeta procurado e encontrado de certa maneira esse Portugal imaginário e mítico de que fala Mihai Zamfir.

Blaga encontrou em Portugal - nesse seu encontro breve e fulgurante, curto e fulgente - uma nova e diferente luz: a luminosidade portuguesa, com toda a carga complexa e a dimensão simbólica que o termo “luz” contém, e o poeta lhe atribui: não se deve esquecer que o sintagma aparece mesmo no título do seu primeiro livro, publicado em 1919, *Poemele luminii (Os poemas da luz)*. Encontrou ainda a água, enquanto como coisa física, nas suas figuras de mar, de oceano, a água no seu jogo com a luz, a água onde a luz se reflecte - mas ainda, e sobretudo - a água-símbolo. Encontrou a sua querida *saudade (dor)*: “Sinto falta de ter saudade de alguém” terá confessado em Lisboa, em conversa com Vorobchievici (2006:19). Encontrou, enfim, uma paisagem física e humana, carregada de índices exóticos: os moinho de vento, a nora, as palmeiras, o vendedor de grilos.

Em consequência do que se escreve imediatamente antes os temas maiores dos poemas lusitanos de Blaga são a saudade (em *Saudade*), a luz e o fogo (em *Sol ibérico* e em *O que ouve o unicórnio*), a água e o céu azul (*Burrinho*); a paisagem (física e humana) - realidades, lugares, usos e costumes portugueses: o oceano (em “*Brisa atlântica*”, “*O unicórnio e o oceano*”), o “*Sol ibérico*”, o “*moinho de vento*”, o “*Estoril*”, a “*Costa do sol*”, a “*Arrábida*”, “*O vendedor de grilos*”, o “*Burrinho*”.

No poema *Costa do Sol*, designação tradicional da região do Estoril, Cascais, Guincho, da costa rochosa e das praias de areia dourada que se estendem para norte, em frente à serra de Sintra, Blaga constrói uma espécie de retrato físico de Portugal, a partir da evocação da paisagem, de que destaca a vegetação (“folha verde”), a terra (“as colinas”), a água (“águas cantam, águas largas”), o “ar” (“o pássaro do pinhal”), o fogo (“Ardem no mundo as horas”) e o erotismo dos “moinhos”, várias vezes presentes nos poemas do *Ciclo*. Ao mesmo tempo, através da referência aos “ciprestes”, aos “esquifes” e aos “mastros” parece esboçar um retrato histórico e psicológico do País, em que o eco da morte (“os corações - idos”) e da aventura marítima com o seu rasto de tristeza, luto e saudade parecem ressoar. O jogo subtil e estreitamente enlaçado dos quatro elementos coloca o poema no

plano da reflexão sobre a própria substância do País, como, aliás, o fizera Pessoa nos versos do seu célebre *Mar Português*, em *Mensagem*, obra publicada quatro anos antes da estadia de Blaga em Portugal – mas aqui relevando o poeta português naturalmente o elemento água (“Mar”, no próprio o título, “lágrimas de Portugal”, “Quantas mães choraram?”), ainda que não esquecendo, no entanto, os elementos terra (“Cabo Bojador”) e o ar (“céu”), mas referidos nesse célebre poema quase de passagem.

Não muito longe de Lisboa, a dois passos de Setúbal, terra natal do poeta Bocage, vate pré-romântico popularíssimo, levanta-se frente ao mar azul, que se estende até se perder no horizonte distante, na lonjura, a serra da Arrábida. A esse lugar belíssimo e inigualável – já antes celebrado em verso pelo romântico Herculano - dedicou Blaga um dos poemas do seu livro *Caravelas com cinzas (Corabii cu cenu)*, cujo título é precisamente *Arrábida*, e que é legítimo incluir no *Ciclo português* até por imposição topográfica.

Trata-se de um daqueles lugares ímpares cuja visão encanta e impressiona indelevelmente. No poema, dá-se conta desse encantamento e regista-se a poderoso impressão provocada em alguém que aí passeia o olhar pela terra coberta de arvoredos verde, pelo mar e céu pintados de azul, sobretudo se não se fica pelo simples *olhar* e se pretende, muito mais do que isso, *ver*. Na Arrábida, a natureza parece assumir, para além da sua objectividade e concretude imediatas, uma dimensão supra-sensível que apela à reflexão sobre a significação simbólica e profunda da natureza, sobre a própria vida e sobre o sentido do tempo.

Nos versos de *Arrábida*, Blaga identifica imediatamente o espaço: é junto do mar, e através de um rico conjunto de referências concretas e objectivas, e de várias pinceladas impressionistas, apresenta-nos a serra recortando-se no azul do céu, banhada pela luz, e como que nascendo do anil marinho. Nas primeiras três estrofes do poema a serra é invocada, por três vezes, como se fosse uma pessoa, repetindo-se o seu nome no início de cada uma das estrofes. Através deste processo de personificação anafórica, a Arrábida torna-se algo de vivo e humaniza-se. A estrutura interrogativa da segunda estrofe acentua ainda mais esse processo de personificação. No final, o poeta conduz-nos – como faz muitas vezes nos seus poemas - para o plano da meditação filosófica, sem que de modo algum possamos classificar a sua poesia como filosófica. Isto porque Blaga é radicalmente, como poeta, um lírico. O poema termina com uma meditação sintética sobre o tempo, entendido como a moldura de uma paisagem em que serra/terra, mar/água, céu/ar e luz/fogo são os figurantes de um jogo interminável ou de um bailado que sempre vai e retorna, e em que a serra desempenha o papel principal: o de prima-dona. E, simultaneamente, de espectador activo.

Em *Sol ibérico*, Blaga evoca o seu país natal, designado aí, por sinédoque, Valáquia, e ao mesmo tempo esboça um auto-retrato: define-se como “homem dos bosques” que aprecia ao arvoredos (“Homem dos bosques sou e gosto da folhagem”); identifica o “lugar” do poema, introduzindo uma informação espacial portuguesa (“no pinhal de / Estoril”); e através da dialéctica do seco e do húmido, do fogo e da água, estabelece um paralelo entre a sua Valáquia natal, e distante, e o Estoril, aqui, também por sinédoque, figura de Portugal, confessando saudoso que, para “envolver o meu coração doente / necessitava eu como carícia de algures / da muito orvalhada glória, / o espesso, vasto, / fresco matagal / da Valáquia”.

Num poema do *Ciclo*, intitulado *Saudade (Alean)*, ocorrem duas referências a Portugal: uma directa e literal: «Há horas, há dias que ando a velar / numa riba amarela de Portugal», outra lateral, adjectiva, que se expressa assim: «Cantando plangente olharia sete anos / para o céu com cordeiros lusitanos». Nesta poesia, a saudade é ainda evocada, além

do título, através da perífrase oximorônica de canção chorada: “cantando plangente”, isto é, cantando com choro. É acaso a saudade outra coisa que não isso - um cantar plangente, um sorrir triste, uma feliz tristeza - mesmo quando as lágrimas não brotam dos olhos, porque só podem correr do coração?

Qual cavaleiro medieval, o vate ou o seu *alter ego*, o eu poético, diz-se no poema a vigiar numa falésia “amarela” de Portugal, com “a armadura perto” de si. E numa eventual evocação bíblica, qual Jacob esperando apaixonado sete anos por Raquel, confessa a sua fascinação pela terra lusa, sob a forma de um olhar condicional: “olharia”, *se ...* o não perturbasse com o seu ruído o «desassossego do moinho de vento» - referência exótica mais do que uma vez evocada noutros poemas lusitanos de Blaga; *se ...* não o arrebatasse o ideal, o infinito, no poema avocado sob a figura do “astro” e do “azul celeste”.

Em síntese, o poema será uma expressão acabada de egocentrismo romântico – que o há, e muito, em Blaga! - dada a proeminência e a onnipresença do “eu” nos seus poemas em geral, e neste em particular; organiza-se também, como é frequente em Blaga, poeta-filósofo, através de um jogo subtil dos elementos primordiais, permitindo supor que o autor seria atento leitor e profundo conhecedor dos Pré-socráticos gregos e das suas teorias respeitantes ao *arquê* (*princípio*) da *phusis* (*natureza*): um poema que não pertence ao *Ciclo* tem, aliás, por título *Heraclito junto do lago* (*Heraclit lâng lac*); constrói-se a partir duma comparação permanente do espaço natal do poeta com Portugal, tendo presente a sua paisagem e as suas especificidades exóticas; enfim, aborda a temática de um tipo de sentimento que as duas sensibilidades nacionais, lusa e romena, sob diferente denominação, consideram que lhes é específico: a *saudade*, por um lado e, a *dor* ou *alean* por outro.

O Burrinho é uma visita a um espaço saudoso, revisitado muitos anos depois, mas na memória – o poema terá sido escrito provavelmente em 1960, um ano antes da morte do poeta, e integra *A milagrosa semente* (*Mirabila s mîn*). O espaço evocado é totalmente diferente da Valáquia natal do poeta, e começa assim narrativo: “Vi um dia por montanhas ibéricas ...”. O lugar é árido, de penedos, tórrido, qual o retratado no poema biográfico *Sol ibérico* (*Soare iberic*). Ao contrário da Valáquia, terra de florestas, pintada do verde dos arvoredos, abundante de água, ali, um burrinho, perdido por “montanhas ibéricas”, girando em volta de uma nora, trabalha “cego” na busca incessante de um pouco de água que mate a sede de “ágaves, malvas, gerâneos e loendro”. Desta espécie de dialéctica do fogo e da água, resulta, sintética, uma visão do espaço ibérico que se exprime assim: “Ali a terra nunca foi seio de mãe”. Ao contrário da sua Valáquia natal?

O facto de o poema ser de 1960, atestará a persistência na memória de uma certa visão de Portugal, e a resistência da mesma ao esquecimento de um tempo feliz, mas com lágrimas, porque sempre saudoso do país natal. No jogo dos elementos – terra, fogo, água – que é possível imaginar, lendo o poema *O Burrinho*, será subliminar a temática da saudade sob duas hipóstases contrárias: a da *saudade-agora* de um lugar - e dum tempo? - muito diferente da terra natal, saudade de Portugal e do tempo português; a da *saudade-então* sentida no momento vivido “por montanhas ibéricas”, por estarem ausentes, nesse momento do passado, os arvoredos e as águas abundantes da Valáquia natal, essa sim lugar onde a terra seria mãe, ao contrário do “inferno” português, com o seu burrinho sedento mendigando à nora um pingo de água. Dois estratos da memória parecem assim sobrepor-se um ao outro no poema, correspondendo a dois estratos saudosos, a duas experiências de saudade, fixadas, concentradas, em certa medida imobilizadas, no presente do poema.

Em *O Burrinho* evoca-se assim, saudosamente, muitos anos depois, Portugal, as *Cortes da Saudade*, isto é, Portugal, lugar onde o poeta terá vivido um período feliz da sua vida. Ao mesmo tempo, por contraste, memora-se a saudade então sentida da Valáquia húmida e arborizada, da Valáquia-oásis tão diferente de um Portugal em fogo e desértico, mas que, no entanto, ainda resiste à morte, na memória do poeta, um ano antes do seu ocaso.

A este encontro *Nas Cortes da Saudade*, entre a *dor* romena e a *saudade* portuguesa, tendo por fundo frequentemente, para não dizer sempre, a paisagem lusitana - seca, em fogo, real, objectiva - numa dialéctica sem síntese, constante, com a Valáquia - húmida, vegetal, ausente, coisa sobretudo da memória no tempo da escrita – que já considerámos atrás no poema *Sol ibérico*, atrever-me-ia chamá-lo encontro *saudoso* ou *de saudades*.

Bibliografia

- BLAGA, Lucian. 1981. *Mirabila samînta. A milagrosa semente*. Trad. Micaela Ghişescu. Bucuresti: Editura Minerva.
- BLAGA, Lucian. 1999. *A Milagrosa Semente*. Coimbra: Editora Minerva.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. 1989. “Relações Histórico-Culturais Luso-Romenas”, in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Vol. XL. (Trabalho lido na Sociedade de Geografia de Lisboa e na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, actualizado).
- GANĂ, George. 1981. «Prefată», in Lucian Blaga, *Mirabila s mîn a – A Milagrosa semente*, ediție belingvă româno-portugheză. Bucureşti: Editura Minerva.
- VOROBCHIEVICI, Octav. 2005. *Cu Blaga în Portugalia*. Cluj-Napoca: Editura Grinta.
- ZAMFIR, Mihai. 1973. “Limba Romana în Portugalia”, in *Tribuna României*, an II, nr. 24, 1 noiembrie.
- ZAMFIR, Mihai. 1998. “Portugal visto de Bucarest: Os romenos da Ibéria têm mais sorte”, in *Janus. Olhares sobre Portugal*.